



Da Tragédia à Comédia Romântica:  
um passeio pelas influências de Shakespeare no audiovisual

Júlia Pereira de Souza – Universidade Federal de Alagoas

[julia.souza@ichca.ufal.br](mailto:julia.souza@ichca.ufal.br)

**Resumo:** Este trabalho visa apresentar e abrir discussão sobre algumas das mais famosas adaptações e releituras de obras de William Shakespeare no cinema, além de abrir espaço para demonstrar a presença de outras referências ao mesmo autor, exemplificadas por mais de 10 filmes. Para isso, serão citadas peças como: Rei Lear, Hamlet, Otelo, Como Gostais, Megera Domada e, como não poderia faltar, a célebre Romeu e Julieta.

**Palavras-chave:** dramaturgia; Shakespeare; adaptação; audiovisual;

**Abstract:** This assignment aims to present and open discussion on some of the most famous adaptations and rereadings of works by William Shakespeare in the cinema, in addition to making room to demonstrate the presence of other references to the same author exemplified by a few more than 10 movies. For this, the plays like: King Lear, Hamlet, Othello, As You Like It, The Taming of the Shrew and, as it could not be missed, the famous Romeo and Juliet will be cited.

**Keywords:** dramaturgy; Shakespeare; adaptation; audiovisual;

## **1 – ADAPTAÇÃO DIRETA, RELEITURA E REFERÊNCIA**

Primeiramente, é necessário compreender que aqui não constam somente adaptações fidedignas dos textos de William Shakespeare. Há, obviamente, possibilidade de discussão acerca destas obras que transportam a dramaturgia diretamente para a tela do cinema, sem se utilizar de grande liberdade criativa, buscando honrar ao máximo a escrita original. Também é reconhecida sua notoriedade e grande número. Assim como é reconhecida a notoriedade de citações dos escritos shakespearianos em outras obras de literatura - como em Machado de Assis, por exemplo - e na teledramaturgia das novelas brasileiras.

O foco deste trabalho, entretanto, é buscar essas homenagens em outros lugares - sejam elas nas releituras contemporâneas, ou em referências sutis jogadas em filmes relativamente populares - pois é aí onde encontraremos maior disponibilidade de tópicos para discussão. Assim, dissecaremos as escolhas narrativas que proporcionaram essas adaptações e/ou releituras a se destacarem - ou não - das múltiplas outras executadas ao longo da história.

## **2 – ADAPTAÇÕES DIRETAS NA ERA DE OURO DO CINEMA ESTADUNIDENSE**

A adaptação de *Sonho de uma noite de verão*, dirigida por Max Reinhardt e William Dieterle em 1935, é um ótimo exemplo de como o legado de William Shakespeare começou a ser repassado para as telas do cinema. É uma tentativa - nesse caso, bem sucedida - de passar toda a magnitude do texto. Sem as limitações do palco, fazendo uso de ferramentas como a edição para dar ainda mais liberdade a quem a produz, entra para a história como a primeira adaptação de uma obra shakespeariana indicada ao Oscar de melhor filme e leva a estatueta nas categorias de melhor fotografia e melhor montagem. Com certeza é um longa-metragem que faz uso de toda a “magia do cinema” ao alcance na época.

Além das características trazidas por Reinhardt das suas montagens de palco, como os cenários grandiosos, o elenco numeroso e a vasta utilização de música como parte integrante da história, o filme conta com momentos de uso extremamente inteligente de recursos. Há uma cena, por exemplo, onde as fadas da floresta são apresentadas ao público

e é utilizado algum tipo de sobreposição de filmes para dar uma aparência de translucidez a elas. Até os dias de hoje, quase noventa anos depois do lançamento, essa cena conta com grande beleza e, ao contrário de muitas obras, não parece “muito falsa” ou mesmo “ultrapassada”. Ou seja, para o espectador da década de 1930 - que inclusive pagou bem caro para assisti-la<sup>1</sup> -, ela era claramente mágica. No entanto, não há nenhum tipo de modificação flagrante no enredo. A rígida fidelidade utilizada por Dieterle e Reinhardt é tida para alguns como falta de criatividade. Para outros, é um respeito necessário para com o autor.

Já a versão de *Hamlet* feita em 1948 pelo ator e diretor britânico Laurence Olivier conta com algumas alterações visíveis, se colocado em comparação com o texto original. Algumas dessas alterações foram necessárias para o encaixe da peça de cerca de quatro horas de duração em um formato longa metragem de duas horas, o que já gerou grande controvérsia e era um grande argumento utilizado por puristas para menosprezar o filme. Além disso, porém, Olivier diminuiu o teor político de *Hamlet*, focando-se no âmbito psicológico das personagens e nos seus relacionamentos entre si. Não satisfeito, o cineasta ainda escreve um prólogo próprio como narração inicial, contanto com sua própria interpretação da trama. Apesar de todas as críticas, o *Hamlet* de Olivier chegou a conquistar oito prêmios. Dentre eles constam o Oscar, o BAFTA e o Leão de Ouro em suas respectivas categorias de Melhor Filme<sup>2</sup>. Foi, portanto, uma das obras que abriu a porta para que outros diretores e produtores apresentassem as suas próprias versões e visões sobre as obras de Shakespeare com maior visibilidade. O que nos leva ao próximo tópico.

### **3 – O REI LEÃO**

Um jovem príncipe que sai de sua terra natal e percorre uma jornada de aprendizado e dúvida logo após descobrir que seu pai foi assassinado pelo irmão, seu tio, que toma o reino para si. Percorrida a jornada, o príncipe retorna ao seu reino de origem e derrota o tio tirano, vingando a morte de seu pai. Não, não é a sinopse de *Hamlet*. Ou melhor,

---

<sup>1</sup> Uma curiosidade é que o ingresso para esse longa custou em torno de US\$ 2.20 no ano de seu lançamento, o que é equivalente a mais de US\$ 45.00 na cotação atual, ou seja, bem mais de R\$ 230,00. (cotação verificada em 24/06/2022, às 19:19).

<sup>2</sup> das premiações do ano de 1949.

também é. O primeiro filme da aclamada trilogia *Rei Leão* (1994, 1998 e 2004) é uma releitura otimista da peça *Hamlet*. As semelhanças não se limitam aos pontos de enredo, se estendendo às personagens secundárias e às dinâmicas de relacionamento entre elas. Nala, dos filmes, seria o equivalente a Ofélia, de Shakespeare. O tirano Cláudio veste a pele de Scar na animação. Rosencrantz e Guildenstern são apresentados nas figuras de Timão e Pumba. E o pássaro Zazu é quem traça o paralelo com o conselheiro real Polônio.

Porém, o que mais chama a atenção são as diferenças de enredo, não as similaridades. Começando com o próprio protagonista Simba que, ao contrário do príncipe dinamarquês, tem forte personalidade e volta para casa convicto de sua sede por vingança. Sendo assim, Simba tem uma semelhança muito mais notável, não com *Hamlet*, mas com o herói da lenda que o inspirou, *Amleth*. O final também é mais próximo da lenda. O jovem rei felino, além de não matar o tio com as próprias mãos, ainda consegue recuperar o trono, terminando a história vivo. Pode parecer então que *O Rei Leão*, na verdade, é uma releitura de *Amleth*, não da tragédia de Shakespeare. Mas isso ocorre somente como uma tentativa de “adoçar” a narrativa, já que a animação seria voltada para um público majoritariamente infantil. Sendo assim, ela foi escrita propositalmente como uma tentativa de recontar *Hamlet* dando-lhe certa leveza e um final feliz.

A verdade é que os Estúdios Disney têm uma longa história com adaptações de contos seculares ou outras obras variadas. Uma das principais características dessas versões é a modificação do encerramento, dando o já tão clichê final feliz a todas elas. Seja contando a lenda da Pequena Sereia de modo a fazer com que Ariel consiga o amor de seu príncipe, o que não acontece no conto original, seja apenas apaziguando a narrativa, transformando-a em algo possível de uma criança acompanhar e apreciar, como feito em Hércules. *O Rei Leão* é apenas mais uma releitura para a conta.

Um fato interessante e que merece ser acrescentado é que os dois longas subsequentes também têm relação com o famoso dramaturgo inglês aqui tratado. O segundo reconta *Romeu e Julieta*, seguindo os mesmos moldes do primeiro na intenção de fazer uma versão *light* da história. Já o terceiro, coloca Timão e Pumba como protagonistas e se inspira em *Rosencrantz & Guildenstern Estão Mortos*, escrita pelo tchecoslovaco Tom Stoppard em 1966 como uma releitura que conta a tragédia do príncipe da Dinamarca pelo ponto de vista das duas personagens secundárias, transformando-a em comédia.

#### 4 – VÁRIOS OLHARES SOBRE ROMEU E JULIETA

Existem inúmeras versões da tão famosa tragédia dos amantes sob adversa estrela. O filme *Romeu + Julieta*, adaptação feita por Craig Pierce e Baz Luhrmann em 1996, talvez seja uma das mais recentes e interessantes interpretações dadas à dramaturgia do final do século XVI. Diferente do texto original, *Romeu + Julieta* não pode ser chamado de tragédia. Ordinariamente referenciado como drama, apenas romance ou até mesmo *crime film*<sup>3</sup>, há ainda quem o chame de um romance um tanto quanto tragicômico, pelo tom do filme.

Pode ser que soe estranho pensar em *Romeu e Julieta* como uma comédia. No entanto, o tom cômico por vezes dado ao longa não é tão difícil de alcançar quanto parece ser. Ao menos não quando se mantém a formalidade e a fala rimada em diversos diálogos, reproduzidos na íntegra, enquanto as personagens que os compõem estão trajados em camisas estampadas abertas e conversando em postos de gasolina, ou em volta da mesa de sinuca de pequenos botecos beira-mar num cantinho esquecido da costa leste dos Estados Unidos. O modo de edição propositalmente chamativo também leva crédito na função de dar essa cor à trama. Ainda assim, existem cenas onde a beleza sutil do romance entre os protagonistas se sobressai. Não há como negar a leveza do momento onde os olhos se cruzam pela primeira vez através de um aquário no baile dos Capuleto, ou no discreto e secreto casamento dos dois. Entre as duas coisas - a risada e os amantes - há ainda o sangue e as grandiosas mortes. As armas de fogo referenciadas pelos personagens como espadas vêm, de tempos em tempos, sorratamente lembrar ao espectador: “não fique tão confortável aí no sofá, esta não é uma história feliz”.

O mantimento da maior parte do enredo, incluindo o final e contando apenas com adaptação de pequenos elementos, transmite o conforto da ilusão de conhecer a obra, mas a expectativa é constantemente quebrada. Desde os momentos iniciais, coisas como um prólogo sendo transmitido pela voz de uma âncora de telejornal e a icônica cena do diálogo na janela sendo substituída por uma - não menos icônica - queda na piscina, permeiam o longa e sussurram ostensivamente no ouvido daquele que assiste: você pode ter a mais absoluta certeza de que conhece a obra, mas ainda vai ser surpreendido por ela.

---

<sup>3</sup>gênero cinematográfico inspirado e análogo ao gênero literário de ficção criminal.

Um movimento quase contrário ocorre com a obra *Amor, Sublime Amor*<sup>4</sup> (*West Side Story* no original em inglês). O clima durante o musical - que reconta a história de Romeu e Julieta ambientando-se numa Nova York permeada por lutas entre dois grupos de imigrantes - nunca perde o peso. A briga entre os Jets e os Sharks preenche a trama quase que por inteiro. Mesmo os pequenos momentos de descontração com músicas agitadas e cores vibrantes ou os belos duetos e momentos íntimos entre Tony e Maria não dão tempo suficiente para secar o sangue derramado, ou silenciar o som de socos trocados.

Quanto ao encerramento dado à essa história, o caminho tomado é, no mínimo, interessante. Após a morte do líder de cada uma das gangues rivais, o protagonista masculino recebe a falsa notícia do falecimento de sua amada e encaminha sua própria morte. A protagonista feminina, no entanto, não junta seu corpo ao dele. Não, a essa Julieta - no caso, Maria - é dada a voz e o ódio. Maria empunha uma arma e, apontando para integrantes de ambas as casas - gangues aqui - diz:

Como se atira? É só puxar? Quantas balas ainda tem? O suficiente pra você? E você? Todos vocês? Agora eu consigo matar porque tenho ódio. Eu tenho ódio agora. Quantos eu consigo matar, Chino? E ainda sobrar uma bala pra mim?<sup>5</sup> (SPIELBERG, 2021).

Sua fala se assemelha com Mercúrio amaldiçoando as duas famílias antes de morrer. Mas, como não havia munição na arma, o filme se encerra com ela saindo em cortejo junto ao corpo do amado, enquanto o espectador segura a respiração, esperando pela sua morte que nunca vem. Essa escolha narrativa é geralmente citada como controversa, mas ela só evidencia uma obviedade que talvez tenha passado impune ao longo dos séculos: a de que a verdadeira vítima da tragédia não é aquele que morre ao seu fim, mas o que a assiste e continua vivo.

## 5 – RAN

Saindo do eixo euro-norteamericano de cinema, a produção *Ran*, de Akira Kurosawa, é uma adaptação japonesa de uma das obras primas de William Shakespeare: *Rei Lear*. O filme é um longa metragem do gênero drama de guerra, também referenciado como épico,

---

<sup>4</sup> Para simplificar, estará sempre se referindo à versão de Spielberg (2021), não as de Robins e Wise (1961) e Laurents (1957).

<sup>5</sup> Maria, na cena final; tradução livre;

que reconta a história da peça ambientando-se no Japão feudal do século XVI. Ele mistura a trama originalmente ambientada na Grã-Bretanha pré-cristã com lendas japonesas do período retratado por Kurosawa. Ambas ambientações são tratadas com grande respeito pelo autor. Esse período específico do Japão feudal, chamado Sengoku, não foi escolhido à toa. Ele conta com inúmeras guerrilhas e é tido como um momento de guerra civil quase constante.

Apesar de não muito conhecido pelo grande público, *Ran* talvez seja o mais bem avaliado desta lista. Ele tem uma forma de montagem e técnica de atuação tradicionais do teatro Nô e traz a música erudita japonesa como trilha sonora. Considerado um dos maiores filmes já feitos, a produção de 1985 foi contemplada com indicações em premiações de grande prestígio como o Oscar, o BAFTA e o Globo de Ouro, vencendo nas duas primeiras nas categorias de Melhor Figurino (Oscar de 1986) e de Melhor Filme e Melhor Maquiagem (BAFTA de 1987).

## **6 – OTHELLO E JOGO DE INTRIGAS**

Há uma adaptação cinematográfica muito famosa da obra *Otelo, O Mouro de Veneza* que não poderia deixar de ser mencionada. Produzido em 1995 e dirigido por Oliver Parker, o filme *Othello* é uma das mais famosas montagens dessa peça de Shakespeare. É ela a responsável, inclusive, pela difusão da ideia de interpretar a personagem que dá nome à trama como um homem negro para facilitar a compreensão do texto num panorama contemporâneo. Esse é o único ponto onde Parker notavelmente cede na construção da trama, permanecendo-se fiel ao texto original em todo o resto do longa. A maior parte dos elogios a essa produção refere-se à performance dos atores, qualquer outra característica é ordinariamente esquecida nas suas críticas.

Seis anos depois, emerge *Jogo de Intrigas* e o que Tim Blake Nelson e Brad Kaaya fazem com essa releitura de *Otelo* é impressionante. Apesar de não ser muito bem recebido pela crítica, o filme ambientado numa escola de ensino médio do sul dos Estados Unidos se utiliza da dramaturgia de Shakespeare para retratar de forma muito sensível a violência colegial, antes mesmo do debate sobre *bullying* atingir grandes proporções. Na verdade, o *timing* do lançamento é intrigante e responsável tanto pelo mal recebimento da crítica quanto pela sua bilheteria medíocre. *Jogo de Intrigas* foi gravado e finalizado em 1999,

quando havia uma espécie de “onda do drama colegial” no cinema estadunidense. Porém, com seu lançamento oficial programado poucos meses após alguns outros filmes com a mesma temática, como os dois do próximo tópico, acabou tendo sua estreia adiada em quase dois anos. Isso ocorreu porque o filme retrata um tema muito próximo ao Massacre de Columbine, uma grande tragédia, até hoje referenciado como um dos maiores massacres escolares da história. O longa só entrou em cartaz em 2001, em respeito às vítimas e familiares, mesmo assim foi tido como desrespeitoso.<sup>6</sup>

## 7 – AS COMÉDIAS ROMÂNTICAS DE 1999

Talvez *A Megera Domada* não seja uma das obras mais lembradas do repertório shakespeariano por ser uma comédia e o autor ser reconhecido por suas tragédias, mas *10 Coisas que Eu Odeio em Você* pensa fora da caixa e traz o enredo com tanta perspicácia que acabou se tornando um clássico dentre as numerosas comédias românticas norte-americanas. O filme é bem tido pela crítica e aclamado pelo público geral. Foi um sucesso de bilheteria, ficando atrás somente do clássico da ficção científica *cyberpunk Matrix*.

*10 Coisas que Eu Odeio em Você* mistura não só o enredo que acompanha as irmãs Bianca e Catarina (Kat), como diversas referências a sonetos e outras peças de Shakespeare com o ambiente colegial. Uma das principais dessas referências é ao Soneto 141 e como Kat faz, para uma tarefa do colégio, sua própria versão em um poema que leva o mesmo nome do filme:

Odeio o modo como fala comigo / E como corta o cabelo / Odeio como dirige o meu carro / E odeio o seu desleixo / Odeio suas enormes botas de combate / E como consegue ler minha mente / Eu odeio tanto isso em você / Que até me sinto doente / Odeio como está sempre certo / E odeio quando você mente / Odeio quando me faz rir muito / Ainda mais quando me faz chorar... / Odeio quando não está por perto / E o fato de não me ligar / Mas eu odeio principalmente / Não conseguir te odiar / Nem um pouco / Nem mesmo por um segundo / Nem mesmo só por te odiar (McCULLAH; SMITH, 1999).<sup>7</sup>

Recheado de citações retiradas dos textos de *Macbeth* e *Romeu e Julieta*, por exemplo, a *romcom*<sup>8</sup> ainda consegue fugir do estigma de ser apenas uma releitura. Muitos citam o

---

<sup>6</sup> A data original de lançamento seria 17 de outubro de 1999, mas foi adiada para 31 de agosto de 2001. O massacre ocorreu no dia 20 de abril de 1999.

<sup>7</sup> Tradução livre.

<sup>8</sup> Abreviatura de Comédia Romântica.

quanto o filme consegue ter e ser para além disso. Os elogios da crítica comumente se voltam a elementos como a tão aclamada trilha sonora, o humor irônico e inteligente de seu roteiro e a atuação “acima da média para o nicho adolescente” (segundo o agregador de críticas online Rotten Tomatoes) dos seus atores principais, Julia Stiles e Heath Ledger.

*Nunca Fui Beijada*, por sua vez, foi um filme dirigido por Raja Gosnell e estrelado por Drew Barrymore que estabelece uma fina relação com o texto de outra obra ainda menos citada: *Como Gostais*. O enredo acompanha Josie Geller, uma jovem jornalista que, para sua primeira matéria no jornal onde trabalha, matricula-se novamente no último ano do ensino médio como repórter disfarçada, com o objetivo retratar os dramas da vida estudantil da época. *Como Gostais* aparece de forma inicial como a leitura que está sendo trabalhada na aula de literatura da turma na qual a protagonista ingressa, mas aos poucos a relação vai sendo estreitada. Assim como Rosalinda disfarça-se de homem para manter-se perto de seu amado Orlando, Josie mantém seu disfarce juvenil enquanto apaixona-se pelo professor de literatura Sam.

Trazendo, de tempos em tempos, pequenas partes do texto lido em sala de aula, ou mesmo fantasiando algumas personagens como Rosalinda e Orlando no baile à fantasia do colégio, *Nunca Fui Beijada* fala o tempo inteiro sobre disfarces. Isso é evidenciado em algumas narrações e discursos da protagonista conforme o final da trama se aproxima. Seja nas máscaras sociais impostas no ensino médio, as expectativas fora dele, ou a própria Josie em seu trabalho, todos parecem estar protegidos por fantasias, o que traz o monólogo falado pelo melancólico Jaques no Ato II, Cena VII do texto original de Shakespeare constantemente à tona:

JAQUES - O mundo é um palco; os homens e as mulheres, meros artistas, que entram nele e saem. Muitos papéis cada um tem no seu tempo: Sete atos, sete idades. Na primeira, nos braços da ama grita e baba o infante. O escolar lamuriendo, após, com a mala, de rosto matinal, como serpente se arrasta para a escola, a contragosto. O amante vem depois, fornalha acesa, celebrando em balada dolorida, as sobancelhas da mulher amada. A seguir estadeia-se o soldado, cheio de juras feitas sem propósito, com barba de leopardo, mui zeloso nos pontos de honra, a questionar sem causa, que a falaz glória busca até mesmo na boca dos canhões. Segue-se o juiz, com ventre bem forrado de cevados capões, olhar severo, barba cuidada, impando de sentenças e de casos da prática; desta arte seu papel representa. A sexta idade em mangas pantalonas, tremelica, óculos no nariz, bolsa de lado, calças da mocidade bem poupadas, mundo amplo em demasia para as pernas tão mirradas; a voz viril e forte, que ao falsete infantil voltou de novo, cheia e sopra ao cantar. A última cena, remete desta história aventureira, é mero olvido, uma segunda infância, falha de vista, dentes, gosto e tudo. (SHAKESPEARE, 1559-1606).

E, quando Josie finalmente decide se livrar de seu disfarce, levando consigo a máscara de outras personagens envolvidas, o filme chega ao seu clímax e desencadeia um dos mais bonitos monólogos do roteiro:

JOSIE - Deixe-me dizer uma coisa, eu não me importo em ser sua estúpida rainha do baile. Tenho 25 anos. Sou uma repórter disfarçada do Chicago Sun Times e tenho quase enlouquecido tentando impressionar vocês. Deixe-me dizer-lhe algo Gibby, Kirsten, Kristin, vocês vão passar suas vidas tentando colocar os outros para baixo, porque faz vocês se sentirem mais importantes. Por que ela? Deixe-me falar sobre essa garota [Aldis], ela é inacreditável. Eu era nova aqui e ela fez amizade comigo sem fazer perguntas. Mas vocês... Vocês só foram meus amigos depois que meu irmão, Rob, se passou por estudante e disse para tentarem gostar de mim. Pessoal, há um grande mundo lá fora... maior que o baile, maior que o ensino médio. E não importa se você era a rainha do baile, o quarterback do time de futebol, ou o maior nerd da escola. Descubra quem você é e tente não ter medo disso. (KOHN; SILVERSTEIN, 1999).

Sendo assim, o filme acaba sendo muito bem sucedido na transmissão da mensagem a qual se direcionava, utilizando-se de Shakespeare apenas como um ponto de partida para dialogar sobre certas convenções sociais.

## **8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É evidente, portanto, que o repertório do dramaturgo inglês William Shakespeare é uma fonte quase inesgotável para os artistas em busca de inspiração, originando incontáveis releituras e adaptações. Só aqui foram citadas 11 produções cinematográficas e datadas do curto período de tempo de 1935 a 2001. Isso sem nem citarmos sátiras, paródias e referências menores, ou mesmo os recursos e estilos narrativos influenciados pelo modo de escrita shakespeariano. Resta saber o que faz dessas obras boas ou ruins e que tipo de opinião a crítica e o público geral têm sobre esses filmes.

Bem, para a crítica de cinema - majoritariamente purista e conservadora - as melhores formas de referenciar Shakespeare sempre serão a adaptação direta e releitura específica, como em, respectivamente, *Othello* de Oliver Parker e *Ran* de Kurosawa, sem chance de “macular” o enredo como poderia vir a acontecer em adaptações mais livres. Apesar disso, a mesma porção de críticos ainda se queixa de uma possível falta de criatividade de quem se utiliza de obras tão esgotadas como ponto de partida para novas produções. Já o público geral costuma se afeiçoar mais fervorosamente a esse tipo de obra quando não tem vasto conhecimento sobre o texto que o antecede. *O Rei Leão*, por exemplo,

possivelmente não acabaria se tornando um filme tão aclamado se não fosse especificamente uma animação voltada para o público infantil e contada em forma fábula musicada. E mesmo *10 Coisas que Eu Odeio em Você* poderia não ter feito tanto barulho acaso se utilizasse de alguma obra mais conhecida e enfiada no subconsciente coletivo.

Ainda assim, arrisco dizer que existe esperança de emergirem algumas produções fora da curva, tornando algumas obras realmente inesgotáveis, como *Romeu e Julieta*. Uma narrativa tão clichê que parecia ter sido espremida até a última gota nos últimos séculos, ressurgiu pelas mãos de Spielberg em pleno 2021 e consegue arrancar elogios dos críticos e suspiros dos espectadores, chegando até mesmo a emplacar no cinema apesar de estarmos em uma época onde os *streamings* dominam o mercado audiovisual. E, quanto às referências mais discretas, essas sim são infundáveis e com toda certeza irão permear o audiovisual por muito mais tempo.

## **APÊNDICE - Lista de filmes e obras correlacionadas**

- a) Sonho de uma noite de verão (1935) - obra homônima à de Shakespeare;
- b) Hamlet (1948) - obra homônima à de Shakespeare;
- c) O Rei Leão (1994) - Hamlet;
- d) O Rei Leão 2 (1998) - Romeu e Julieta;
- e) Romeu + Julieta (1996) - Romeu e Julieta;
- f) Amor, Sublime Amor (2021) - Romeu e Julieta;
- g) Ran (1985) - Rei Lear;
- h) Othello (1995) - Otelo, O Mouro de Veneza;
- i) Jogo de Intrigas (2001) - Otelo, O Mouro de Veneza;
- j) 10 Coisas que Eu Odeio em Você (1999) - A Megera Domada;
- k) Nunca Fui Beijada (1999) - Como Gostais;

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLERS, R; MINKOFF, R. **O Rei Leão**. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1994.
- BOSCOV, I; **O "Amor, Sublime Amor" de Spielberg: tão bonito que atordo**. São Paulo: Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ICPU3piOz3c>> Acesso em: 30 Jun. 2022.
- CARSON, E. **The Lion King Theory - It's All Shakespeare? | Channel Frederator**. Estados Unidos: Youtube, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PSOHORoI1JE>> Acesso em: 24 Jun. 2022.
- DIETERLE, W; REINHARDT, M. **A Midsummer Night's Dream**. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1935.
- DOMINGOS, N. C. **DO TEATRO DE SHAKESPEARE ÀS RELEITURAS AUDIOVISUAIS: UMA ANÁLISE INTERCULTURAL DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO EM ROMEO E JULIETA NO BRASIL**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, 2020.
- GOSNELL, R; KOHN, A; SILVERSTEIN, M. **Never Been Kissed**. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1999.
- JORGENS, J. J. **Shakespeare On Film**. Estados Unidos: Imprensa da Universidade de Indiana, 1977. Disponível em: <<https://academic.oup.com/sq/article-abstract/29/2/315/5099863>> Acesso em: 24 Jun. 2022.
- JUNGER, G; McCULLAH, K; SMITH, K. **10 Things I Hate About You**. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1999.
- KAAYA, B; NELSON, T. B. **O**. Estados Unidos: Lionsgate, 2001.
- KUROSAWA, A. **Ran**. Japão: Greenwich Film Productions, 1985.
- LAURENTS, A. **West Side Story**. Estados Unidos: Distribuição independente, 1957.
- LUHRMANN, B; PIERCE, C. **William Shakespeare's Romeo + Juliet**. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1996.
- MACHADO, M. **SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO (1935)**. Curitiba: Cinemarden, 2019. Disponível em: <<https://www.cinemarden.com.br/2019/02/sonho-de-uma-noite-de-verao-1935.html>> Acesso em: 24 Jun. 2022.
- OLIVIER, L. **Hamlet**. Reino Unido: Rank Films Distributors Ltd., 1948.
- PARKER, O. **Othello**. Estados Unidos: Columbia, 1995.
- ROBBINS, J; WISE, R. **West Side Story**. Estados Unidos: United Artists, 1961.
- ROBERTSON, P. **The Guinness Book of Almost Everything You Didn't Need to Know About the Movies**. Reino Unido: Guinness Superlatives Ltd., 1986.
- SHAKESPEARE, W. **Sonho de Uma Noite de Verão**. Reino Unido: 1594.
- \_\_\_\_\_. **Hamlet**. Reino Unido: 1599.

\_\_\_\_\_. **Romeu e Julieta.** Reino Unido: 1592.

\_\_\_\_\_. **Rei Lear.** Reino Unido: 1605.

\_\_\_\_\_. **Otelo, o mouro de Veneza.** Reino Unido: 1604.

\_\_\_\_\_. **A Megera Domada.** Reino Unido: 1594.

\_\_\_\_\_. **Como Gostais.** Reino Unido: 1599-1606.

SPIELBERG, S. **West Side Story.** Estados Unidos: Disney, 2021.

TANITCH, R. **Olivier.** Reino Unido: Abbeville Press, 1985.

VALAREZO, M. **O Rei Leão Te Apresentou Shakespeare (Sem Você Saber).** Brasília:  
Youtube, 2018. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=hnRbe5B1d2o&t=229s>> Acesso em: 24 Jun. 2022.